

CORPO - MATRIZ: FRAGMENTAÇÃO DO CORPO NA IMAGEM FOTOGRÁFICA

*MATRIX BODY: FRAGMENTATION OF THE BODY IN THE
PHOTOGRAPHIC IMAGE*

Patrícia Paixão Martins

PPGAV - UFBA

Resumo: O presente artigo traz a discussão sobre um processo de criação e pesquisa em artes sobre o corpo fragmentado utilizando a imagem fotográfica como um sistema de gravação. As discussões dessa pesquisa evocam questões sobre a fotografia contaminada e entendida dentro do campo da gravura, utilizando o próprio corpo como uma espécie de matriz, contendo em si suas próprias gravações, marcas e estiramentos, trazendo esse corpo como pertencente à um sujeito traumático e estilhaçado.

Palavras-chave: corpo, fotografia contaminada, gravura, trauma.

Resumen: *The present article brings the discussion about a process of creation and research in arts on the fragmented body using the photographic image as a recording system. The discussions of this research evoke questions about contaminated photography and understood within the field of engraving, using the body itself as a kind of matrix, containing within itself its own recordings, marks and stretches, bringing this body as belonging to a traumatic and shattered subject.*

Palavras Clave: *body, contaminated photograph, engraving, trauma.*

Introdução

A ideia do corpo entendido como um lugar de ação dentro do campo das artes começa mais fortemente dentro da performance, principalmente nos anos 60. Com o trabalho de Yves Klein, um pouco anterior, já observamos esse desejo de trabalhar com o corpo não com um senso de representação distante, mas inseri-los nos processos - muito embora, em seu conhecido trabalho das Antropometrias, o corpo era usado como um instrumento para discutir a pintura, não sendo o protagonista da discussão instaurada.

Após um período de discussões de caráter mais formalista dentro do campo das artes no modernismo, o retorno do corpo, suas representações, usos e leituras, surge de forma 'traumática' a partir dos anos 60, fortemente influenciado pela consolidação do capitalismo, pelas revoltas feministas e um total colapso e descrença diante do mundo. Foster (1996) traz essa discussão onde defende esse sujeito traumático operando na tentativa de romper com uma imagem simulacral em avanço ao seu esvaziamento, colocando a arte abjeta como representação máxima dessa tendência.

Grupos como o Fluxus, que se localizam no início da discussão de uma arte nomeada contemporânea, trazem o corpo não só como instrumento para algo, mas como matéria prima e trabalho final ao mesmo tempo, numa tentativa talvez do rompimento dessa representação simulacral. Logo, outras discussões e operações do corpo e da imagem começam a tomar fôlego, como na figura do emblemático Andy Warhol e sua postura de corpo indiferente, com o uso da repetição de imagens traumáticas como processo criativo - no trabalho "*White Burning Car III*" (1963), por exemplo -, ou até mesmo do corpo ausente e seus vestígios, em trabalhos como das artista Ana Mendieta e Maureen Connor.

Tanto a repetição com a não presença são discussões que tocam também o universo da psicanálise relacionado ao trauma, e daí surgem novamente as aproximações entre esses dois campos, como visto anteriormente nos movimentos surrealista e dadá. A diferença, agora, se dá na saída desses conceitos. No surrealismo, assim como em Yves Klein, temos o uso de algo como instrumento para uma discussão dentro do campo da representação - como representar o subconsciente? Como representar o corpo através da pintura? — enquanto na arte contemporânea o interesse se volta para instaurar esses universos e/ou usá-los como ferramenta de criação.

O corpo, agora colocado nesse lugar, tensiona mais ainda as noções sobre as operações artísticas e o 'lugar' que determinados trabalhos deveriam ocupar. Os campos começam a se contaminar uns aos outros, a ponto de nos colocar em dúvida de onde podemos encaixar um trabalho como a série "*Siluetas*" de Ana Mendieta, por exemplo (figura 01), que pode muito bem ser entendido como um trabalho do campo da performance, da fotografia ou da gravura, porém não pertence a nenhum necessariamente. E, além disso, como pode um corpo ausente ser tão vivo e presente? O que a fragmentação ou a abstenção do corpo traz?

Estilhaçamento da matriz

A pesquisa que venho desenvolvendo, busca entender a fotografia como um processo de gravação, utilizando imagens apropriadas e/ou o corpo como matrizes. Contendo em si suas próprias gravações, marcas e estiramentos, o corpo aqui é usado como uma matriz orgânica e viva, com suas diversas visualidades possíveis diante da planificação imposta pelo aparato de captura utilizado, o scanner.



Essa investigação surgiu justamente do afastamento do campo da fotografia, onde procurei entender o que seria uma imagem, como a mesma se apresenta e buscando por sua materialidade. Nos processos lentos da gravura, que se aproximam aos processos fotográficos do século XIX, comecei a utilizar a imagem como matriz para a construção de outra matriz, num processo de infinitos duplos. O retorno às imagens fotográficas através da gravura e do scanner busca unir de certa forma essas linguagens, encarando a fotografia como um campo também contaminado, colocar em questão o aparato fotográfico e seu

funcionamento como gerador de imagens, investigando também a autoimagem como um duplo.

O corpo fragmentado é a constante destruição-construção dessa autoimagem, e contém em si um desejo de construir um duplo a partir de si mesmo - é um corpo espelhado que não se apresenta como mimético. Tratar o corpo como matriz e buscar gravá-lo é procurar entendê-lo; suas texturas, deformações, estranhezas, afastamentos. As visualidades resultantes desse processo se apresentam como um corpo estranho reconhecível mas destituído de qualquer índice de realidade numa estranha familiaridade.

O 'estranho-familiar' traz a vertigem que se instala numa convulsão e ao mesmo tempo num entorpecimento de indiferenciação, onde tudo que atua no lado obscuro é reconhecido ou nomeado como estranho. [...] A incorporação do estranho como uma coexistência de opostos revela-se assim, como mais uma faceta da própria linguagem do corpo. (FIGUEIREDO, 2007, pg. 86)

No trabalho "seus ossos estão quebrados, levanta" (figura 2), realizado neste ano dentro dessa pesquisa, procuro entender a fotografia e a gravura através do processo de gravação para a composição de um corpo do qual chamo de espelho, sem o compromisso com o reflexo mimético. O corpo fragmentado como um lugar de trauma, de processos de repetição e pequenas compulsões, virando-o do avesso, chegando muitas vezes a uma completa abstração de forma, mas que ainda é materialidade; a tentativa de dar corpo à imagem fotográfica. A imobilidade, a deformação, a planificação e a tentativa de enquadramento de algo tão fluido e circular fazem parte desse ato íntimo e passageiro, como performamos diante uma máquina de raio-x ou

Figura 1. Trabalho de Ana Mendieta, Sem título (da série 'Silueta'), 1976.

de ressonância por exemplo; esses entendidos também como outros aparatos de gravação.

Ao chamar essa imagem fotográfica construída pelo processo de gravação da qual apresento como um espelho, tenho como objetivo evocar essa contaminação entre os campos pela necessidade de construir essa autoimagem e revelar esse corpo como, antes de qualquer discussão estética, como político. Em perfeita definição:

O corpo é o agente físico das estruturas da experiência cotidiana. É o produtor de sonhos, o transmissor e receptor de mensagens culturais, uma criatura de hábitos, uma máquina de desejos, um repositório de memórias, um ator no teatro do poder, um tecido de afetos e sentimentos. Porque o corpo está no limite entre a biologia e a sociedade [...], é o local por excelência para transgredir as restrições de significado ou o que a discursividade social prescreve como normalidade. (RICHARD, 1986, pg. 65, tradução nossa)

Dentro das discussões sobre o espelho, busco o encontro do sujeito com esse corpo estranho - utilizando como estratégia a exibição desta imagem em tamanho aproximadamente real e alinhado - no reconhecimento e no embate entre o igual - diferente, como um 'estágio do espelho' (LACAN, 1949) para o reconhecimento do sujeito como estilhaçado.

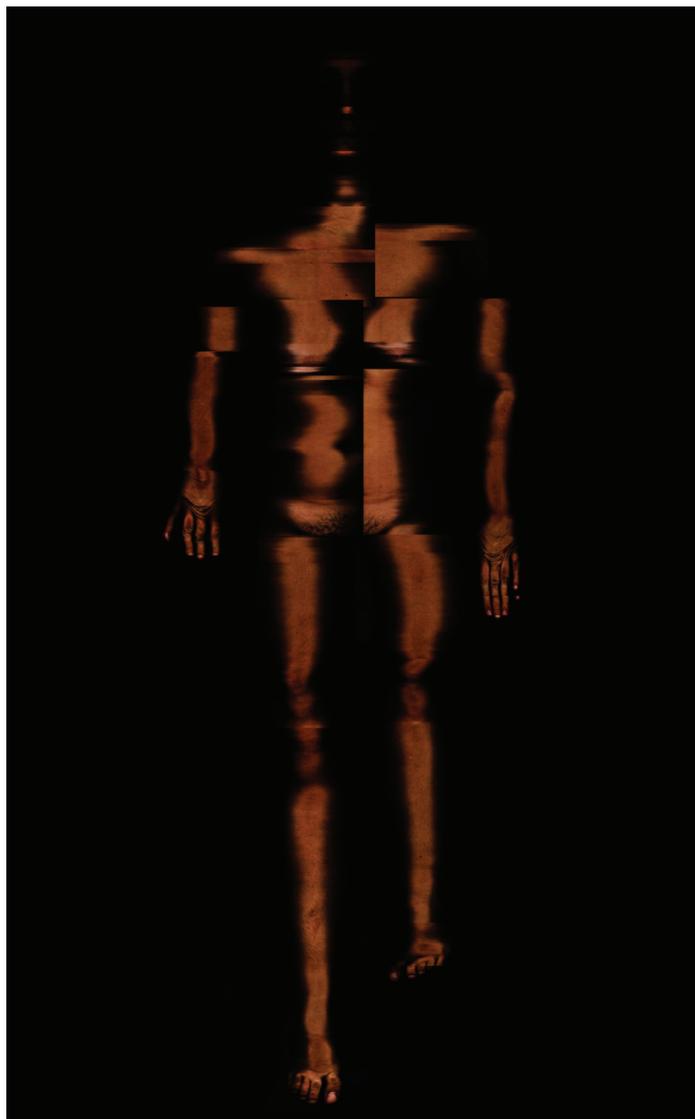
As obsessões de gravar esse corpo por diferentes métodos e buscar esse Outro dentro do próprio reflexo, como no trabalho "quando não pude amar ninguém" (figura 3), fazem com que eu encare meus processos de criação e pesquisa como um processo traumático, de repetições para um esvaziamento, de dizer muitas coisas sem dizer nada, como na arte abjeta trazida por Foster.

Neste trabalho, a gravação acontece de forma mais direta, com a impressão do corpo em

papel sem nenhum intermeio, porém, processada e tratada como uma fotografia, novamente tensionando os campos de gravação e captura fotográfica. Aqui, aproximo meu trabalho ao de Vera Chaves Barcellos em "*Epidermic Scapes*", realizado em 1977 através de processo parecido. As discussões do trabalho da artista também encara o corpo como um lugar - até como uma paisagem - e opera também através da repetição para a fragmentação de um corpo.

A exploração do corpo dentro das artes visuais apresenta em si um vasto campo de dis-

Figura 2. Trabalho de autoria própria, seus ossos estão quebrados, levanta, 150 x 50 cm, 2018. (Acervo do Artista)



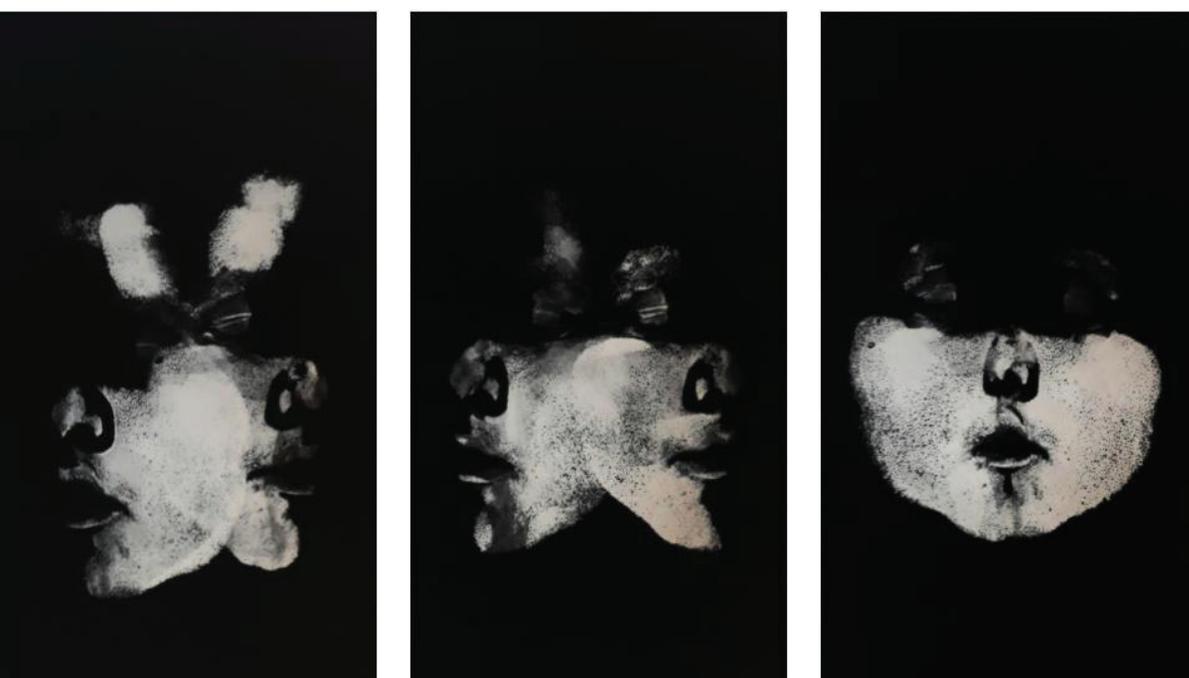


Figura 3. Trabalho de autoria própria, quando não pude amar ninguém, tríptico de 42 x 30 cm cada, 2018. (Acervo do Artista)

cussão, onde o mesmo pode ser apresentado como instrumento de luta, lugar da própria obra artística, representação, mimese, meio, captura, referência, enfim. Ser o objeto principal de atuação da arte abjeta não é coincidência, sendo essa a apresentação maior desse sujeito traumático, do qual me identifico como artista pesquisadora, na construção obsessiva desse reflexo estilhaçado.

Referências

FIGUEIREDO, Lucy. **Imagens polifônicas: corpo e fotografia**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007

FOSTER, Hal. **O Retorno do Real**. São Paulo: Editora Ubu, 2017

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (Original publicado em 1966).

RICHARD, Nelly. **The Rhetoric of the Body**. Art & Text, 1986 in WARR, Tracey. **The Artist's Body**. London: Phaidon Press, 2000.

Patrícia Paixão Martins

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia (PPGAV - UFBA). Começou sua produção artística através da fotografia, que hoje leva para outros suportes, pesquisando a fotografia em comunicação principalmente com a gravura. Bacharela Interdisciplinar em Artes na Universidade Federal da Bahia (2016). Em sua poética, explora a imagem hibridizada, sua contaminação/destruição e o conceito de duplicata.